

ENSINO DE VIOLINO EM GRUPO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E CRIANÇAS SEM NENHUM TRANSTORNO

Vivian Ferreira Pinho¹
Jessika Rodrigues da Silva²
Áureo Júnior Deo de Freitas Júnior³

RESUMO

Esta pesquisa é um estudo de caso sobre o ensino de violino para crianças autistas, com o objetivo de analisar o aprendizado musical de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma turma com crianças neurotípicas. Como procedimento metodológico adotou-se a abordagem qualitativa e como técnica de coleta de dados foi utilizada a observação não-participante. Como instrumento da coleta foi utilizado a Escala de Verificação do Aprendizado Musical de Violino e Viola e Diário de Bordo. Os resultados indicaram que os estudantes com TEA, mesmo de forma diferenciada, apresentaram conhecimento musical após três meses de intervenção, sendo necessário manter uma rotina sobre as aulas, repetição de conteúdo, monitor individual e postura do professor de sala. Depreendeu-se que a presença de crianças com TEA na sala de aula não influenciou no aprendizado dos alunos neurotípicos.

Palavras-chave: Aprendizado Musical. Ensino de Violino. Crianças Autistas.

GROUP VIOLIN TEACHING FOR CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER AND CHILDREN WITHOUT ANY DISORDERS

ABSTRACT

This research is a case study on the teaching of violin for autistic children. The researchers' purpose of was to verify the musical learning of students with Autism Spectrum Disorder in a class with typical children. As a methodological procedure, the researchers adopted a qualitative approach as a data collection technique. Also, the researchers adopted a non-participant observation by using a collection instrument, the Violin and Viola Musical Learning Verification Scale and the Logbook. The researchers indicated that students with ASD, even in a differentiated way, presented musical knowledge after three months of intervention, being necessary to maintain a routine about the classes, repetition of content, individual monitor and posture of the classroom teacher. In addition, the researchers observed that despite the presence of children with ASD in the classroom, there was no influence on the typical students' learning.

Keywords: Musical Education; Violin Teaching; Autistic Children.

Data de submissão: 15.04.2022

Data de aprovação: 24.10.2022

¹ Violinista desde 2011 na Orquestra Jovem Vale Música (OJVM) e na Orquestra de Violinos Vale Música. Professora efetiva de Artes na Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC). E-mail: vivianfepi@gmail.com

² Doutora em Artes pela Universidade Federal do Para (2020). Mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará (2014). Professora Efetiva da Universidade do Estado do Pará (UEPA) do Curso de Licenciatura Plena em Música em Bragança e líder do grupo de pesquisa LACE na região do Caeté. E-mail: j.rodrigues3101@gmail.com

³ Doutor (Ph.D.) em Educação Musical pela University of South Carolina (Columbia, 2005). Professor do Instituto de Ciências da Arte da UFPA (ICA) onde ensina nos Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) e Programa Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional (PROFARTES). E-mail: aureo_freitas@yahoo.com

INTRODUÇÃO

É certo que a temática da inclusão tem ganhado espaço no cenário educacional do país. Entretanto, para promover um ensino de qualidade para tal público e obter resultados relevantes, é necessária a qualificação dos docentes, fator que nos motiva a conduzir novas pesquisas no âmbito da educação inclusiva.

Segundo Louro (2012, p. 143),

[...], é importante pensarmos em capacitar melhor os professores de música, para que esses possam lidar de forma mais adequada com o autismo no contexto pedagógico, uma vez que esses alunos podem se desenvolver musicalmente muito bem e com isso, melhorarem outras questões importantes para seu desenvolvimento global.

No Brasil vigora a Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e, em seu artigo 3º, estabelece ser direito da mesma o acesso à educação e ao ensino profissionalizante.

[...] considera-se Síndrome do Autismo um transtorno global do desenvolvimento, uma síndrome comportamental de etiologias múltiplas pela dificuldade de interação social, de comunicação e de uma presença constante na falta de interesse em praticar atividades, sendo caracterizado por uma tríade de anomalias comportamentais, como a limitação ou ausência de comunicação verbal, falta de interação social e padrões de comportamento restritos, estereotipados e ritualizados (SOUSA, 2016, p. 4).

Em face da necessidade de atendimento educacional por um direito garantido por lei surgiu o questionamento: como acontece o processo de aprendizagem musical de estudantes com TEA em uma turma com crianças neurotípicas? Assim, os pesquisadores do presente estudo de caso têm por objetivo verificar o aprendizado musical de estudantes com TEA em uma turma com crianças neurotípicas. Trata-se de um estudo de caso do processo de aprendizagem musical de estudantes com TEA em uma turma com crianças neurotípicas, pois “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]” (GIL, 2002, p. 54).

Por isso, a abordagem da pesquisa é qualitativa, com intuito de entender e descrever o comportamento dos objetos de estudo, uma vez que “Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. [...] valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada” (GODOY, 1995, p. 62). Para tanto, o processo de pesquisa e coleta de dados foi realizado entre os meses de março e junho de 2017, tendo como técnica de coleta de dados a observação não participante (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados: a) o diário de campo, para o qual foi estruturado um roteiro de observação com os quesitos: Descrição da aula/ Comportamento dos profissionais presentes em sala/ Comportamentos dos alunos da turma/ Sugestão para a aula seguinte; e b) a Escala de Avaliação do Aprendizado Musical de Violino e Viola, desenvolvida por Freitas (2007), e adaptada para a presente pesquisa nos quesitos em que o arco era utilizado, sendo substituído pelo *pizzicato*¹. Portanto, foi considerada a posição do instrumento, da postura e das mãos.

A escala é composta por 05 itens referentes à técnica instrumental a ser adquirida pelo estudante para execução dos instrumentos violino e viola que são (a) Posição do Instrumento e Postura do Músico (PIPM); (b) Posição da Mão Esquerda (PME); (c) Posição da Mão e Braço Direito (PMBD); (d) Qualidade do Som (QS); e (e) Afinação (Afin.); e 01 item referente ao entendimento teórico do estudante. A escala ²é constituída de duas subescalas que

são: Definição Operacional do Comportamento do Estudante e Verificação de Comportamento Não-Verbal do Estudante (RODRIGUES, p. 50, 2012).

Para a realização desta pesquisa de campo foi selecionada uma turma do Grupo de Pesquisa Transtornos do Desenvolvimento e Dificuldades de Aprendizagem (GP-TDDA), cujo foco está voltado para a educação musical, na perspectiva da educação inclusiva em Belém do Pará. O critério adotado para a seleção dos alunos com TEA foi: ter sido diagnosticado com o transtorno. E, por fim, para a seleção dos alunos neurotípicos foi determinante não haver crianças que tivessem diagnóstico de qualquer transtorno. Em relação aos dois casos, elencaram-se os seguintes critérios: não apresentar patologias debilitantes (físicas ou cognitivas), não apresentar o desenvolvimento cognitivo prejudicado, ter entre seis e nove anos, não possuir histórico de aprendizado musical e ser alfabetizado (a).

1 DESENVOLVIMENTO

Nessa turma foram matriculados doze estudantes, sendo oito neurotípicos e quatro com autismo. Dos quatro alunos com TEA matriculados, somente três compareceram. As aulas aconteceram aos sábados, com duração de 1 (uma) hora.

Dos doze alunos matriculados, foram contabilizados somente nove para as avaliações e os estudantes foram identificados seguindo as letras na ordem alfabética, como forma de preservar-lhes a identidade. Os alunos A, B e C são neuroatípicos e os alunos D, E, F, G, H e I são típicos. Os critérios de seleção para análise dos dados coletados foi ter presença nas três avaliações e na maioria das aulas, fator responsável pela exclusão de duas alunas típicas, uma delas ausente na terceira avaliação e outra que participou de três aulas somente, e um aluno atípico que não esteve presente em nenhuma aula.

Inicialmente, foram planejadas quatro avaliações. A primeira avaliação foi realizada no primeiro dia de aula e um dos critérios para ingressar na intervenção era que os candidatos fossem ingênuos musicalmente, portanto, todos os quesitos foram registrados com a nota zero. A segunda avaliação ocorreu no mês de abril e a terceira em junho. Devido a alguns feriados prolongados, a quarta não aconteceu. Durante essas avaliações, todas registradas por uma câmera, o ambiente da sala era alterado. Permaneciam dois avaliadores e o professor, as crianças eram chamadas uma de cada vez. O professor posicionava-se no mesmo local como nos dias das aulas, com o aluno na sua frente e cada avaliador de um lado. Os comandos e as perguntas sobre o entendimento teórico eram repetidos uma única vez.

2 DIÁRIO DE BORDO: DESCRIÇÃO DAS AULAS

Uma rotina foi estabelecida durante as aulas, a qual foi dividida em três momentos. O primeiro de acolhida, em que o professor tocava no violino uma canção sinalizando a entrada, os alunos entravam em fila e se posicionavam, alongavam, pegavam os violinos e relembavam o que foi passado na aula anterior, durando cerca de quinze minutos. Num segundo momento, o professor passava o conteúdo novo, repetindo-o algumas vezes, durava trinta minutos. E durante os últimos quinze minutos, tocava outra canção para despedida, os alunos guardavam os instrumentos e os devolviam para o lugar, se organizavam em fila e deixavam o local.

A primeira aula foi no dia 4 de março. Após a canção para acolhida, o professor formou um círculo e incluiu os monitores. Houve apresentação dos nomes dos alunos e dos monitores. Em seguida, foi apresentado aos estudantes o instrumento violino, destacando a sua anatomia: voluta, cravelha, espelho, tampo, ouvidos, cavalete, estandarte e botão.

O professor apontava para a parte do violino, falava o nome dela e os estudantes repetiam. Após conhecer o instrumento, cada estudante foi buscar um instrumento de acordo

com a indicação do professor. Os menores pegavam os de capa vermelha e os maiores de capa preta. Ao retornarem, retiraram dos cases e posicionaram embaixo do braço para conhecer as cordas do violino. Os estudantes tocaram levemente a corda Mi, em seguida o professor demonstrou e tocaram a corda Lá, através do *pizzicato*.

O Professor deu o comando para que posicionassem a mão direita, tocando as cordas com o polegar, quatro vezes cada corda, porém eles não conseguiram tocar na pulsação correta. Deu quatro tempos de pausa para que pudessem entrar, mas eles não acompanharam. O professor voltou para reposicionar o violino, indicou a mão esquerda no corpo do instrumento e a direita na frente, mostrando o polegar. Tocaram somente a corda Mi e depois somente a corda Lá. Acrescentou duas pausas de semínimas a cada quatro tempos, a sequência ficou: “Mi – Mi – Pausa – Pausa – Lá – Lá – Pausa – Pausa”, a qual foi repetida diversas vezes. O instrutor lembrou a anatomia e repetiu a sequência, somente nesse momento os alunos se levantaram para executar a sequência em pé. Outra professora interferiu para fazer o alongamento corporal e, ao final, foi reproduzida a música para despedida. Eles guardam os violinos e saem da sala.

Quanto ao comportamento dos alunos, pude notar que dos nove que estavam presentes dois eram atípicos. O aluno C chegou com 10 minutos de atraso, perdendo assim o acolhimento. Já o aluno A se mostrou participativo e agitado desde o início, repetia gritando o que o professor falava, saiu do círculo para mexer em outros violinos, acenou para a câmera, conversou e deitou-se no chão. Também tentou sair em direção à porta que dá acesso à rua, mas quando começaram a tocar, ele acompanhou. Uma das alunas típicas ficou claramente incomodada com o aluno A, que estava ao seu lado.

Quanto ao comportamento dos profissionais, ficou claro que a posição das crianças causou certo tumulto, fazendo com que os pesquisadores precisassem se movimentar. Além disso, os monitores e pesquisadores conversaram e se movimentavam próximo às crianças. O professor teve dificuldades em manter a atenção da turma, um dos monitores interferiu para pedir silêncio. A outra professora também interferiu no final para fazer o alongamento, assumindo a turma. Percebeu-se que os alunos ficaram próximos demais. Isso dificultou a dinâmica da aula, então, nas aulas seguintes, fitas azuis foram coladas no chão, indicando onde deviam se posicionar.

A segunda aula aconteceu no dia 11 de março. A canção sinalizando a entrada e acolhimento é tocada no violino. Devido ao número reduzido de alunos (do total de 12, somente 5 estavam presentes), a turma foi organizada em círculo. O alongamento e aquecimento corporal fora realizado com a canção “Levantar o Braço” da Vovó Mafalda (2013), havendo alteração no andamento durante a repetição. Os próprios alunos pegam seus instrumentos, tiram do case e posicionam de acordo com o comando do professor: segurar o corpo do violino com a mão esquerda e encaixar debaixo do braço, como se fosse um cavaquinho.

Com o polegar tocam quatro vezes a primeira corda, Mi, marcando a semínima e repetindo o exercício algumas vezes. Repetem o exercício na segunda corda (Lá) e executam quatro tempos em cada, alternando as duas. Em seguida, são executados dois tempos na corda Mi, dois tempos de pausa, dois na corda Lá e dois de pausa, repetidamente. A atividade é realizada algumas vezes com os alunos em pé. O professor pede para que sentem e repousem os instrumentos em cima do estojo, enquanto as crianças descansam, ele lembra as partes do violino e nome das cordas, apontando para o local e aguardando para que eles nomeiem. Pede para que fiquem de pé novamente e repete a última atividade com as cordas Mi e Lá. Outra canção indicando o momento de despedida é tocada, eles guardam os instrumentos, devolvem para o local, formam uma fila e retornam para a sala de recepção.

Nesta aula notou-se que o professor quase não se dirigiu ao aluno A. A monitora presente ficou controlando-o a aula toda e as poucas vezes que ele se sentou foi virado para

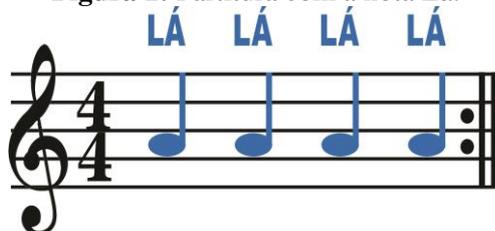
ela e não para o professor. Dois dos pesquisadores que estavam observando interferiram para dar auxílio a esse aluno.

Quanto ao comportamento dos alunos da turma, notou-se que os quatro alunos típicos ficaram atentos à aula, respondendo corretamente quase todas as perguntas sobre a aula anterior. Tiveram dificuldades para lembrar partes com nomes mais complicados, como a voluta e o estandarte.

A terceira aula aconteceu no dia 18 de março. Após os procedimentos iniciais, com todos em pé, a professora pede para que repitam junto com ela um passo a passo para posicionar o violino no ombro: 1 – separar os pés, 2 – segurar o violino na frente do corpo (com a mão esquerda segurando o corpo do instrumento), 3 – violino no ombro. Ela ajusta a posição de cada aluno e dá o comando para que coloquem a mão direita para tocar o pizzicato, posicionando o polegar e indicador como se fosse um “bico de pato”, em que o polegar apoia na ponta do espelho e o indicador sobre a corda. Tocam a corda Mi, quatro vezes em tempo de semínima. Repetem o passo a passo e a atividade com pizzicatos, agora na corda Lá.

Uma partitura foi pendurada na parede para que eles visualizassem a nota Lá enquanto tocavam. Acrescentando a partitura também para a nota Mi, tocam as cordas Mi e Lá, alternando a cada quatro tempos cada uma e solfejando simultaneamente. Em seguida são executados dois tempos na corda Mi, dois tempos de pausa, dois na corda lá e dois de pausa, repetidamente. Todos se sentam para descansar e, enquanto isso relembra as partes do violino. Levantam e refazem o passo a passo e a atividade nas cordas Mi e Lá. Ao finalizar a atividade, a canção de despedida é tocada e eles retornam para a sala de recepção.

Figura 1: Partitura com a nota Lá.



Fonte: Próprio autor

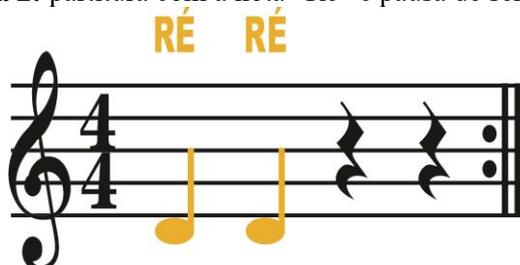
Nesta aula estavam presentes oito alunos, sendo cinco típicos e três atípicos, porém somente os alunos A e C dispuseram de monitor, pois a mãe do aluno B entrou e o acompanhou até o final. Vale ressaltar que ele chegou às 09h35min, perdendo mais da metade da aula, sendo a primeira aula que comparecia, fazendo com que a professora precisasse trocá-lo de lugar, pois estava inquieto e os demais alunos demonstraram certo incômodo.

O aluno A demonstrou certa agitação, não parou de tocar, correr pela sala, insistiu em entrar na sala dos instrumentos, não obedeceu aos comandos da professora, tentou retirar as fitas azuis do chão e bateu o violino no chão, quebrando-o. Um dos pesquisadores tentou acalmá-lo, porém ele entrou na sala dos instrumentos e brincou com os de percussão. A responsável dele foi chamada para uma conversa com o coordenador. Ao final ele voltou para guardar o violino. O aluno B permaneceu em seu lugar durante toda a aula, obedeceu a alguns comandos, contudo teve dificuldade em manter o violino no ombro, além disso, bateu no corpo do instrumento diversas vezes (estereotipando/ movimento repetitivo).

A aula de número quatro aconteceu dia 25 de março, alguns alunos e pais entraram sem a música de acolhida, devido a isso, foi pedido que voltassem para a recepção. Após a canção para entrada e acolhimento, a professora fez uma reapresentação dos nomes dos alunos e em seguida a canção para alongamento. Com os instrumentos em mãos, lembraram as partes e nomes das cordas, levantaram-se para fazer o passo a passo e a professora foi com cada aluno ajustar a posição.

Visualizando a partitura com a nota Ré, executaram o pizzicato nesta corda em quatro tempos de semínimas, descansaram durante alguns segundos e repetiram a atividade na corda Sol, para finalmente realizarem nas duas cordas, Ré e Sol (3ª e 4ª corda), primeiramente, ao comando do professor e, depois, solfeando. Também foram incluídas as pausas de semínima.

Figura 2: partitura com a nota “Ré” e pausa de semínima.



Fonte: Próprio autor

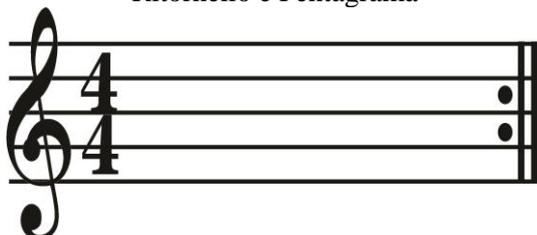
Em posição de descanso, realizaram leitura e solfejo das partituras e um dos alunos foi para frente da turma falar as partes dos instrumentos. Repetiram a atividade nas cordas Ré e Sol. Ao final dela, a canção de despedida é tocada e antes que devolvessem os violinos e fizessem a fila para sair, a professora fez com que se alongassem.

Nesta aula estavam presentes nove alunos, dentre eles três eram atípicos, entretanto, foram necessários somente dois monitores, já que a mãe do aluno B estava presente outra vez. Foi observado que o comportamento dos monitores foi diferente das aulas anteriores. Eles tocaram o mínimo possível nos alunos A e C, além de terem evitado andar pela sala atrás deles, o que não tirou o foco da professora.

Quanto ao comportamento dos alunos, foi notado que o aluno B, devido à entrada antecipada, já entrou agitado na sala. Ficou por alguns segundos com um dos monitores, mas logo em seguida foi se sentar nas cadeiras e não quis pegar o instrumento. Demorou para guardar o instrumento e saiu sozinho da sala. O aluno A aparenta estar sonolento, não quer levantar-se de início, anda pela sala e volta ao seu lugar várias vezes, posiciona o violino no ombro e acompanha os pizzicatos. Se junta ao aluno B nas cadeiras, sem largar o instrumento, mas também para de executar a atividade. Anda pela sala, rodeando os outros alunos, dois alunos típicos se afastam quando ele chega perto. Fica em frente à câmera junto ao aluno C, se olhando no computador, depois liga e desliga as lâmpadas diversas vezes, até que um dos monitores vai retirá-lo. Ele retorna para repetir a atividade, chega a segurar o violino, mas não o toca. O aluno C toca de acordo com o comando, acompanhando o restante. Posiciona algumas vezes no ombro, mas cansa rapidamente, saindo e voltando ao seu lugar.

A quinta aula aconteceu no dia 1º de abril, após a entrada e o acolhimento (procedimentos usuais). O passo a passo executado sofreu alteração, sendo acrescentado um quarto item: 1- violino na frente, 2- cabeça para o lado direito, 3- violino no ombro, 4- queixo na queixeira, foi repetido seis vezes e acrescentado o pizzicato na corda Mi e na corda Lá. Repetiram o processo, lendo a partitura. Nessa aula foram explicadas as funções do Pentagrama, da Clave de Sol e Ritornello. Houve repetição do passo a passo para execução da nota Mi e pausa de semínima, com partitura. Foram também adicionadas partituras com as notas Ré (amarelo) e Sol (vermelho).

Figura 3: Partitura utilizada para mostrar a Clave de Sol, Ritornello e Pentagrama



Fonte: Próprio autor

Nesta aula estavam presentes onze alunos, oito típicos e três com TEA. Foi percebido que o aluno A pouco participou da aula, pois permaneceu correndo pela sala, parando para desligar as lâmpadas, algo que tirou a atenção da turma, entrando no semicírculo apenas no final. Sentou-se no palco e chegou a pegar o violino para acompanhar o pizzicato, mas largou em seguida. Já o aluno B só vai para o lugar depois de pegar o instrumento, não participando do acolhimento, tirou o violino de outra criança e permaneceu correndo pela sala. O aluno C não executa de acordo com os comandos, diferente das aulas anteriores. Posiciona algumas vezes, mas não chega a tocar.

Quanto aos profissionais presentes em sala, havia três monitores além do professor, pois a mãe do aluno B deixou de entrar, o mesmo pouco se direciona às crianças autistas e como os monitores são aconselhados a agir de acordo com os comandos do professor, elas acabam ficando soltas durante a aula. Foi observado que o monitor responsável pelo aluno C precisa segurar o braço esquerdo que sustenta o violino, pois o aluno cansa com facilidade.

A aula seguinte ocorreu dia 29 de abril. Após a entrada e acolhimento (aquecimento corporal/ relembrar a aula anterior), os próprios alunos pegam seus instrumentos, retiram do case e posicionam de acordo com o passo a passo, depois colocam o violino em posição de descanso (embaixo do braço) e relembram o que é e para que servem a clave de sol e o pentagrama. Com o polegar tocam quatro vezes a primeira corda (Mi), marcando a semínima, obedecendo ao ritornello e sempre refazendo o passo a passo. Repetem o exercício na segunda corda (Lá) e em seguida na terceira corda (Ré). Executam as três notas sucessivamente, dois tempos para cada nota e dois de pausa, sempre visualizando as partituras.

São executados dois tempos na corda Mi, dois tempos de pausa, dois na corda lá e dois de pausa, repetidamente. A atividade é repetida algumas vezes com os alunos em pé, até que o professor pede para que sentem e repousem os instrumentos em cima do estojo. Relembra as partes do violino e nome das cordas, apontando para o local e aguardando para que eles nomeiem. Antes da despedida ficam de pé e repetem a última atividade.

O monitor que acompanhou o aluno A permaneceu sentado ao lado dele nas cadeiras, repetindo os comandos do professor e explicando. Os outros dois monitores não só acompanharam as crianças autistas como também os alunos típicos, ajudando para que mantivessem uma boa postura e executassem de maneira correta as atividades.

Quanto ao comportamento dos alunos com TEA, notou-se que o aluno B se mostrou inquieto desde o início, andando pela sala e chamando a atenção dos demais. Não quis pegar o violino, aceitando sentar-se somente por alguns segundos, entretanto, pegou o instrumento e retirou o cavalete. O aluno C reage lentamente em relação aos demais e bate no corpo do instrumento (estereotipando), porém participou da aula, respondendo aos comandos. O aluno A chegou atrasado, sentou-se numa cadeira e se recusou a participar da aula, além disso, bocejou diversas vezes. Após a canção de despedida, ao pegar o violino para guardar, decide mostrar para o professor que está tocando a sequência de notas com a pausa.

Na aula do dia 06 de maio, após o acolhimento, é realizado o passo a passo para posicionar o instrumento, os alunos relembram o que é, e para que servem a clave de sol, o

pentagrama e o ritornelo. As partituras com as notas Mi, Lá e Ré são penduradas na frente dos alunos e, enquanto são tocados, os alunos também solfejam. O professor demonstra e pede que eles posicionem os três dedos na corda lá. Substituindo as partituras anteriores por outras, nas quais estão escritas as notas Ré, Dó e Si (3º dedo, 2º dedo e 1º dedo, respectivamente), e elas são reproduzidas. O professor vai com cada aluno mostrar a posição correta, permitindo que eles relaxem por alguns minutos, devido ao incômodo físico causado pela posição do instrumento. O passo a passo é repetido e antes do momento de despedida a atividade é realizada com a nota Ré, sendo tocadas - quatro tempos de semínimas e quatro de pausa.

Nesta aula foram oito crianças, sendo duas delas autistas. Mesmo com a mãe de um deles presentes, dois monitores foram para auxiliar. A mãe do aluno B o acompanhou durante a aula, o aluno demonstrou não querer segurar ou posicionar o violino, porém ela insistiu, até que uma das pesquisadoras foi auxiliá-la. Ele se agitou desde o começo e ela conseguiu com que ele permanecesse no lugar e participasse da aula, obedecendo e executando os comandos. O aluno C caminhou pela sala, estereotipando com o violino em mãos, sempre parando por algum tempo no lugar e voltando a caminhar. Parou na frente do computador, largou o violino e relutou em pegar de volta, até que se deitou no chão e só levantou no final.

Na aula do dia 20 de maio, após os procedimentos iniciais, acontece o passo a passo para posicionar. As partituras com as notas Mi, Lá, Ré e Sol são penduradas na frente dos alunos e é dado o comando para que toquem. O professor mostra a posição e reproduz a nota Fá (1º dedo na corda Mi), repete até que todos visualizem. Relembra a atividade com os três dedos na corda Lá e reproduz as notas Ré, Dó, Si e Lá, dando o seguinte comando: “três – três – pausa – pausa”, “dois – dois – pausa – pausa”, “um – um – pausa – pausa” e “zero – zero – pausa – pausa”, para que toquem e solfejsem simultaneamente. Repete a atividade diversas vezes e as crianças pedem para descansar. Após isso, o professor encerra a aula.

Nessa aula estavam presentes seis alunos, dentre eles três atípicos, porém somente duas monitoras foram necessárias. Quanto ao comportamento dos profissionais, foi percebido que uma das pesquisadoras interferiu junto ao aluno B, conseguindo o manter no lugar por mais tempo que nas aulas anteriores. Enquanto as duas monitoras auxiliavam o aluno A e os alunos típicos.

Foi notado que o aluno B andou pela sala, mas obedeceu aos comandos, retirando o instrumento do case e executando metade do passo a passo. Uma das pesquisadoras o auxiliou, até que seu pai entrou na sala para assistir e ele demonstrou certo agito, porém, a auxiliar conseguiu mantê-lo no lugar. O aluno C chegou acompanhado pelo pai, que alegou certo agito desde cedo e pediu para ficar com ele durante a aula, retirando o menino de sala 25 minutos após o início. O aluno A chegou atrasado, às 09h20min. Sentou no palco e depois em uma das cadeiras, pegou o violino, mas falou que não queria participar da aula, até que sentou no chão com os outros e depois se deitou, alegando que estava com muito sono. Não executou as atividades e demorou a guardar o violino.

Na aula do dia 27 de maio estavam presentes nove alunos, incluindo os três com autismo. Após acolhimento e procedimentos iniciais todos formaram um círculo e retiraram os violinos do case. Tocaram a sequência com as notas Lá e Mi e a pausa de semínima, onde as notas eram tocadas e as pausas faladas. Foi acrescentada a nota Fá. O professor ditou o seguinte comando: “Lá – Lá – pausa – pausa – Mi – Mi – pausa – pausa – primeiro dedo – Fá – Fá – pausa – pausa – Mi – Mi”, encaixando a fala na sequência rítmica (FIGURA 2).

Figura 4: Escrita musical da sequência rítmico melódica.



Fonte: Próprio autor

Depois de executada e repetida, todos ficaram em posição de descanso (violino embaixo do braço) para solfejar a sequência e, depois, voltaram a tocá-la para finalmente excluir as pausas. Foi dado o seguinte comando sem as pausas: “Lá – Lá – Mi – Mi – Primeiro dedo – Mi – Mi”.

Depois dessa primeira parte, o professor passou para a corda Lá, para ensinar a segunda sequência, dando o seguinte comando, mantendo o pulso, “Lá – Lá – pausa – pausa – Si – Si – segundo dedo – Dó – Dó – terceiro dedo – Ré – Ré”. Contudo, a turma teve dificuldade para colocar o terceiro dedo, então voltaram para a posição de descanso para ouvir e visualizar novamente a sequência. Os alunos repetiram a sequência, mantendo os três dedos, o professor dá o comando para que façam a volta. Entre as sequências, permitia-se que as crianças descansassem, enquanto são feitas perguntas sobre as partituras, notas e símbolos. “Retornaram para tocar toda a frase, com o comando: Lá – Lá – Mi – Mi – primeiro dedo – Mi (dois tempos) – três – três – dois – dois – um – um – zero (dois tempos)”, dando um tempo para que posicionassem antes de passar para a corda Lá. Depois, tudo junto sem parar, repetindo duas vezes seguidas. Professor perguntou se eles reconhecem a música e eles dizem que sim, todos sentados cantam “Brilha, Brilha Estrelinha”. O professor reproduziu e solfejou demonstrando no violino. Em seguida, sugeriu o acréscimo de mais uma sequência, porém, sem êxito. Pede, então, para que sentem e descansem, repetindo uma última vez antes da saída.

Foi notado que no início da aula, os pesquisadores esqueceram de colocar um papel na frente da tela do computador, distraindo os alunos A e C. O aluno C voltou para o lugar, já o outro foi se sentar nas cadeiras, depois andou pela sala e abraçou uma das alunas típicas que reagiu gritando. Repetiu o ato uma segunda vez ao final da aula. Ficou por alguns minutos na roda, mas logo largou o violino e foi para o palco dizendo que não queria tocar, voltou para sentar-se nas cadeiras. O aluno B chegou atrasado, quis ficar sentado, mas a monitora que o acompanha não permitiu, ele aparentou estar mais disperso e parado que o normal, tendo dificuldades até para mantê-lo em pé. O aluno C permanece estereotipando, andou pela sala e ao voltar para o lugar quis sentar-se, mas foi levantado pela monitora. O aluno A correu e desligou as lâmpadas, fazendo que a turma gritasse e agitasse o aluno C. Os alunos B e C ficam para o final, mas os dois guardam e devolvem os violinos.

Nessa aula estavam presentes três monitores, além do professor. Foi notado que a monitora responsável pelo aluno B conseguiu manter controle sobre o comportamento dele, fazendo que ele participasse mais da aula. Já o monitor que acompanhava o aluno A precisou se manter bastante atento, pois ele estava bastante agitado. O mesmo precisou interferir para que o aluno não machucasse nenhum colega.

Na aula do dia 10 de junho estavam presentes oito alunos. Como na semana seguinte aconteceria uma apresentação para culminância do projeto, durante a aula foi realizado um ensaio no palco do auditório. Porém, o professor chegou atrasado e uma das monitoras iniciou. Todo processo de acolhida aconteceu no espaço de costume. A monitora lembrou todas as notas da primeira parte da canção “Brilha, brilha estrelinha”, com a versão que inclui as pausas de semínima, repetindo cada nota. Ao final da sequência o professor chegou e assumiu a turma. Realizou uma sequência com as cordas soltas e voltou a lembrar a canção, que agora está sendo acompanhada por um teclado.

O professor parou a aula para decidir como seria feito o ensaio no palco, causando certo alvoroço na turma. Subiram em fila e foram organizados em meia lua. Foi feito o passo a passo para posicionar o violino e para execução da primeira parte da canção, sem as pausas: “Lá – Lá – Mi – Mi – “primeiro dedo” (Fá – Fá) – Mi (dois tempos) – três (Ré) – três (Ré) – dois (Dó) – dois (Dó) – um (Si) – um (Si) – zero (Lá/ dois tempos)”, com o teclado acompanhando. O professor deu o comando para que descessem do palco, com a intenção de

ensaiar a subida para a performance, contudo, eles dispersam da aula, conversam e brincam, fazendo com que uma monitora interfira para que retornem aos lugares. Subiram no palco para tocar e cantar a canção três vezes. Repetiu a ordem da apresentação: música para pegar o instrumento e subir no palco, realizar o passo a passo, tocar a canção três vezes, e numa delas cantar, ao final agradecer e guardar o instrumento enquanto a música para saída é tocada.

Nessa aula foi observado que os dois alunos atípicos presentes, B e C ficaram agitados devido à mudança de rotina, se distraíram com o teclado, com as subidas e descidas do palco, além das conversas e brincadeiras por parte dos alunos típicos. O aluno B não quis subir no palco pelas escadas, nem quis ensaiar. O aluno C continua a bater no corpo do violino, o que provavelmente fez soltar alguma peça, fazendo o instrumento vibrar, e, na tentativa de trocar o instrumento ele fica irritado e não permite.

Quanto ao comportamento dos profissionais, exclusivamente neste ensaio, foi observado certa falta de planejamento, já que pelo menos três dos pesquisadores e monitores interferiram na aula, um dos pesquisadores chegou a parar a aula para conversar com os alunos sobre comportamento no dia da apresentação. Além disso, o comando da turma ficou revezado entre o professor e a monitora que deu início à aula.

3 RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES

Os dados foram analisados e organizados conforme os itens da própria escala avaliativa. As pontuações foram definidas a partir da média aritmética entre as notas que cada avaliador atribuiu durante as três avaliações.

A consistência interna deste instrumento foi verificada a partir do método estatístico Alpha Cronbach, em que avaliadores independentes alcançaram o índice de validade de 8036 nas três últimas avaliações. De acordo com Pallant (2001) e Field (2009), a média aceita para verificar a consistência interna de uma escala deve ser acima de 7 (NOBRE, 2010, p. 26).

A escala contém seis categorias a serem avaliadas: Posição do Instrumento e Postura do Músico; Posição da Mão Esquerda; Posição da Mão e Braço Direito; Qualidade do Som; Afinação e Entendimento Teórico. Na subescala 1, cada descritivo é dividido em cinco itens, os quais devem ser respondidos com “Sim” ou “Não”. Já a subescala 2 é baseada na escala tipo Likert de dez pontos, onde as mesmas categorias são analisadas de maneira divergente nas afirmações. Por exemplo, ao analisar a postura do músico, o avaliador deve escolher uma das opções entre: discordo totalmente, discordo, não tenho certeza, concordo e concordo totalmente; especificando seu nível de concordância com a afirmação.

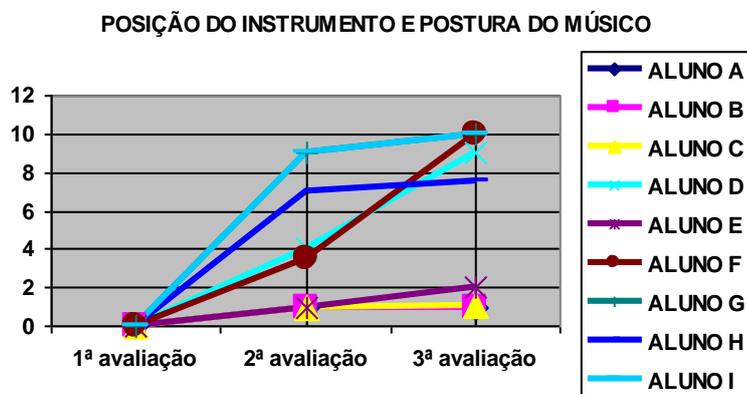
3.1 POSIÇÃO DO INSTRUMENTO E POSTURA DO MÚSICO

Foram analisados os seguintes itens nesta categoria: Mantém o instrumento na posição correta (ângulo diagonal entre o ombro e o queixo); Mantém o queixo na queixeira; Mantém os pés na posição correta (paralelos na direção dos ombros ou o esquerdo levemente à frente); Utiliza a esponja/espaleira de forma correta; Mantém a coluna ereta.

A figura 5 demonstra que os três alunos neuroatípicos se mantiveram com a nota 1 nessa categoria. O aluno E obteve um ponto a mais na 3ª avaliação. Os alunos D e F demonstraram um crescimento considerável e similar entre as avaliações, evidenciando melhora progressiva e constante. O aluno H quase não demonstrou alterações nem em sua postura, nem ao segurar o instrumento. Os alunos G e I mantiveram-se com pontuações iguais e altas, mudando drasticamente entre a 1ª avaliação e a 2ª. Houve uma crescente entre a 1ª avaliação e a 2ª por parte de todos os alunos. A figura também demonstra haver, da 2ª avaliação para a 3ª, uma disparidade entre os estudantes. Ao analisar a 3ª avaliação, ficou

constatado que a presença de crianças autistas na sala de aula não influenciou no aprendizado das demais.

Figura 5- Gráfico representativo da categoria Posição do instrumento e postura do músico



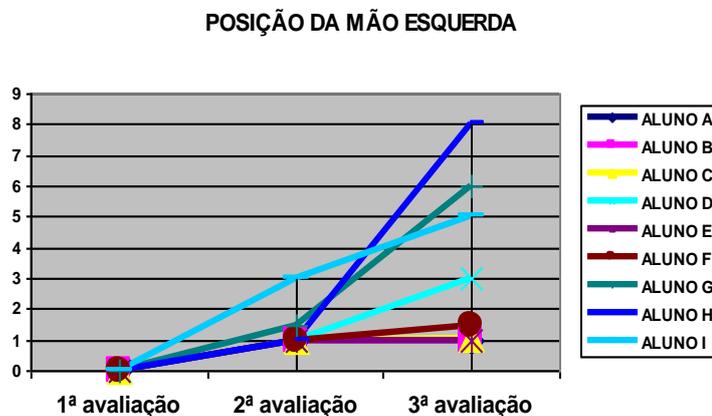
Fonte: Próprio autor

3.2 POSIÇÃO DA MÃO ESQUERDA

Neste quesito, foram analisados os itens: Toca com os dedos voltados para o espelho (forma redonda); Toca com o 3º dedo sobre a referência; Não toca com o pulso quebrado; Toca com o 2º dedo sobre a referência; Toca com o 1º dedo sobre a referência.

A figura 6 demonstra que os alunos A, B, C e E obtiveram o mesmo rendimento nesta categoria, tendo o aluno F progredido minimamente da 2ª para a 3ª avaliação, permanecendo bem próximo aos anteriores. O aluno H obteve a mesma pontuação que os alunos anteriores na 2ª avaliação, porém, na terceira a mudança dele foi drástica, alcançando a maior nota da turma. O aluno G também progrediu consideravelmente da 2ª avaliação para a 3ª. O aluno I, mesmo sem conhecimentos anteriores, foi o que melhor respondeu aos comandos durante a 2ª avaliação e aumentou dois pontos na seguinte. O aluno D manifestou pouco domínio da mão esquerda. Da 1ª avaliação para a 2ª, a mão esquerda ainda não havia sido trabalhada, portanto, só foi avaliado por ser necessário seguir os itens da escala. Nota-se também que, da 2ª avaliação para a 3ª, a maioria dos alunos progrediu, contudo nenhum destes alcançou a nota máxima.

Figura 6- Gráfico representativo da categoria Posição da mão esquerda



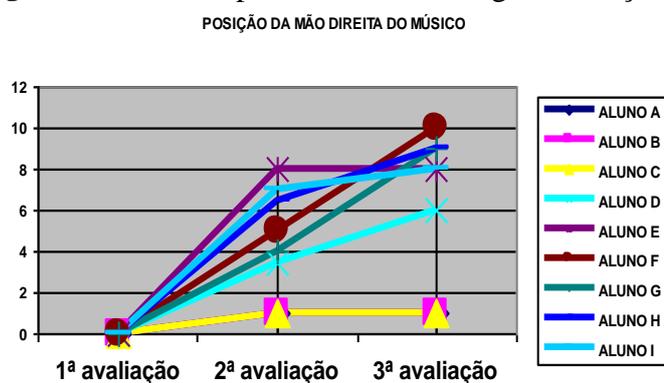
Fonte: Próprio autor

3.3 POSIÇÃO DA MÃO DIREITA

Nesta categoria foram observados os seguintes itens: Toca com o polegar apoiado no espelho; Toca com o pulso na posição correta; Toca com o conjunto do braço na posição correta; Toca com o indicador na posição correta; Toca com o ombro relaxado.

Na figura 7, a disparidade entre os atípicos e os típicos ficou evidente, ratificando a não interferência daqueles alunos no aprendizado destes. Enquanto os atípicos demonstraram avanço de um ponto da 1ª avaliação para a 2ª, dos típicos, somente o aluno E se manteve com a mesma nota da 2ª para a 3ª, o restante apresentou crescimento contínuo. Foi verificado que, na 2ª avaliação, as notas dos alunos típicos variaram entre três e oito, já na última, a menor média foi seis, tendo o aluno F obtido nota máxima.

Figura 7- Gráfico representativo da categoria Posição da mão direita



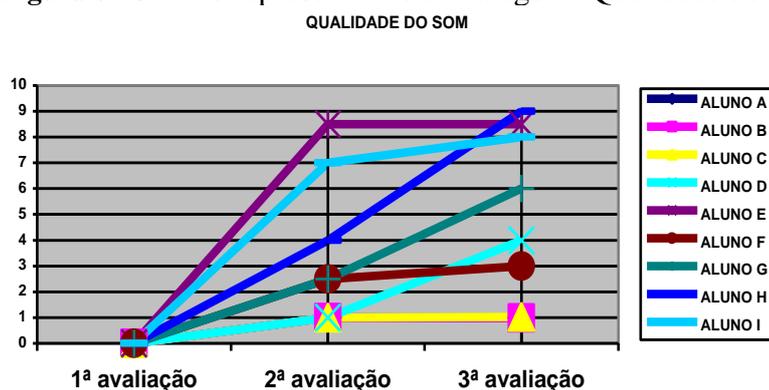
Fonte: Próprio autor

3.4 QUALIDADE DO SOM

Nesta categoria, os itens observados foram: Toca com o indicador da mão direita relaxado; Toca sem ranger as outras cordas; Toca com o som limpo (audível); Toca com o pulso direito correto; Toca com a mão na posição correta. Verificou-se o progresso na aprendizagem de todos os alunos na primeira parte das avaliações (1ª aval. – 2ª aval.).

De acordo com a figura 8, os alunos A, B, C e D, obtiveram a mesma nota (um), os alunos F e G também se mantiveram próximos. O aluno E destacou-se nesta categoria, pois alcançou a maior nota na 2ª avaliação e na 3ª, tendo o aluno I conquistado uma pontuação próxima a do E. No segundo momento das avaliações, o aluno H conseguiu dar um salto de cinco pontos, tirando a maior nota. O aluno D também demonstrou melhoria.

Como as aulas foram desenvolvidas sempre em grupo, a qualidade do som foi uma variável complicada de ser observada, pois a massa sonora é diferente. Alguns alunos podem ter se manifestado tímidos no momento da avaliação, quando o único som emitido era o deles.

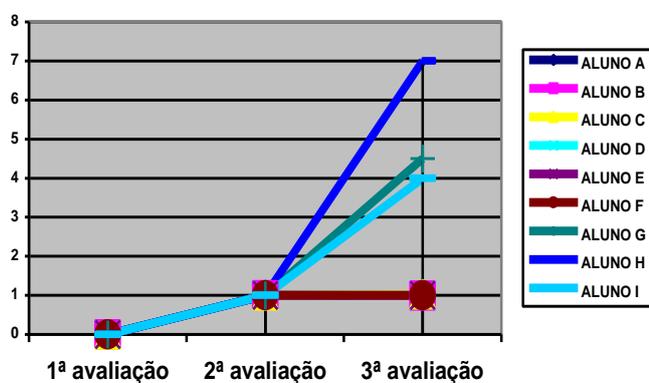
Figura 8- Gráfico representativo da categoria Qualidade do som

Fonte: Próprio autor

3.5 AFINAÇÃO

Os itens analisados foram: Mantém a forma da mão esquerda arredondada; Mantém o 1º dedo sobre a referência; Mantém o 2º dedo sobre a referência; Mantém o 3º dedo sobre a referência; Mantém os dedos na corda durante a seqüência descendente.

É prudente considerar que, antes da primeira avaliação, os alunos não haviam estudado a posição da mão esquerda, apenas no momento da prova os comandos foram orientados. Portanto, verificou-se que todos cresceram e obtiveram unicamente um ponto na segunda avaliação. E somente os alunos G, H e I demonstraram aprendizado nesta categoria, sendo sete a maior nota na última avaliação.

Figura 9- Gráfico representativo da categoria Afinação

Fonte: Próprio autor

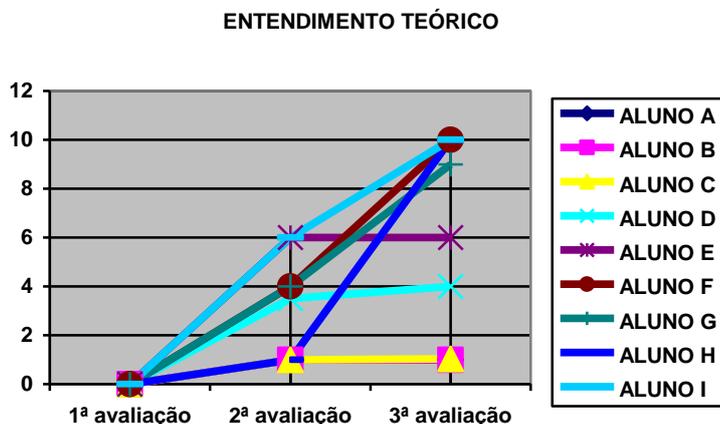
3.6 ENTENDIMENTO TEÓRICO

Foram realizadas cinco perguntas de cunho teórico e simultaneamente os símbolos musicais eram apontados na partitura: O que é isso? (Pentagrama); O que é isso? (Clave de Sol); Para que serve isso? (Ritornello); O que é isso? (Pausa); Que nota é esta? (Mi).

Verificou-se que os resultados foram distintos. Os alunos atípicos permaneceram com a nota mínima. O restante demonstrou dificuldade para responder às perguntas durante a 2ª avaliação, porém os alunos F, G, H e I obtiveram rendimento máximo, sendo que o H não respondeu a nenhuma das perguntas na 2ª avaliação, porém, respondeu corretamente a cinco questões na última. O aluno E obteve a maior

nota na 2ª avaliação, entretanto não teve maiores rendimentos na seguinte. Notou-se que o aluno D seguiu o mesmo caminho, mas com uma pontuação menor.

Figura 10- Gráfico representativo da categoria Entendimento Teórico



Fonte: Próprio autor

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abordou a questão da educação musical relacionada à inclusão, especificamente à criança com Transtorno do Espectro Autista. Durante a descrição das práticas musicais aplicadas na turma de violino na qual estão incluídos os estudantes com TEA, percebeu-se que algumas observações precisam ser feitas, pois certamente interferiram no processo de coleta, de análise e no andamento das aulas.

Uma das características do transtorno é a inflexibilidade do comportamento, levando o estudante com TEA ao estabelecimento de rotinas e rituais repetitivos.

A Área do Comportamento e Pensamento é a terceira área afetada, sendo que ela é caracterizada pela rigidez do comportamento e do pensamento, e também a precária imaginação. Destaca-se também o comportamento ritualista e muitas vezes obsessivo, a ausência dos jogos de faz de conta, pois não percebem o objeto inteiro, mas só uma parte, um detalhe, e não entendem para que serve o brinquedo, o atraso intelectual e a dependência de rotina (MARINHO, MERKLE, pág. 6091-6092, 2009).

Para otimizar o andamento das aulas, uma rotina foi estabelecida e desenvolvida em três momentos: o primeiro, o de acolhida (15 min); o segundo, em que o professor ministrava o conteúdo novo (30 min); o último momento, em que era tocada outra canção para despedida e os alunos deixavam o local.

Esta condição também interferiu nos resultados e no andamento das avaliações, pois a mudança do ambiente e da rotina pode ser considerada fator de estresse para crianças com TEA, alterando assim seu rendimento no momento das avaliações estanques. Por exemplo, ao longo das últimas intervenções, o aluno B demonstrou compreensão, reagindo corretamente aos comandos, sob o auxílio dos monitores. Já durante as avaliações e o ensaio no palco, ele se mostrou agitado, sem responder a nenhuma das instruções. A respeito do aluno C, ressalta-se que o fato de ele “bater” no corpo do instrumento pode não ser estereotípiia. Uma das monitoras, ao acompanhá-lo em determinado momento, notou o interesse do aluno por outro

instrumento, a bateria. Além disso, ele deixou de usar somente uma das mãos. Sentava-se no chão e utilizava as duas para percutir. Apesar de o aluno participar das aulas mais que os outros dois, praticar um instrumento de que ele gosta lhe proporcionaria maior aproveitamento em seu aprendizado musical.

Ao verificar o aprendizado musical dos estudantes, a partir do uso da Escala de Avaliação do Aprendizado Musical de Violino e Viola, foi observado em todas as categorias que, apesar da presença de crianças com necessidades especiais na sala de aula, não houve influência no aprendizado dos alunos neurotípicos. Os alunos neuroatípicos diversas vezes causavam certa movimentação e agito no ambiente, entretanto, esses alunos seguramente podem ser incluídos em uma turma regular sem influenciar o desempenho dos demais envolvidos.

No tocante ao comportamento do professor, que principalmente no início das aulas pouco se direcionava aos alunos com TEA, depreendeu-se a necessidade de profissionais (monitores) qualificados para acompanhar esses alunos em sala, sem tirar o foco do professor. Por fim, ao investigar o processo de aprendizagem musical de estudantes com TEA em uma turma com crianças típicas, constatou-se que todos os alunos podem sim ter rendimento no instrumento, ao tornar o processo de aprendizagem o mais natural e simples. Por intermédio de pequenas mudanças e repetições, os alunos demonstraram compreender os comandos. Além disso, melhorias foram notadas quanto à aceitação dos colegas, pois, ao final das intervenções, os alunos neurotípicos revelaram estar mais à vontade na presença dos colegas com TEA.

A continuação desta pesquisa trará condições e possibilidades de que professores de música possam atuar de forma consciente e instrumentalizada para o exercício de sua função, cumprindo o objetivo da educação inclusiva, na qual todos têm o direito de estarem juntos, aprendendo e se desenvolvendo sem nenhum tipo de discriminação.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei n. 12764, de 27 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12764.htm>. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Acesso em: 1 de maio de 2017.

FREITAS, Áureo de. **Projeto Cordas da Amazônia: Violoncelo em Grupo**. Relatório: Projeto de Extensão. Belém: UFPA, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LOURO, Viviane dos Santos. **Ações pedagógicas para inclusão de aluno com transtorno do espectro autista numa escola de música de São Paulo**: Relato de caso. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, v. 10, n. 2, p. 138-157, 2015.

MARINHO, Eliane AR; MERKLE, Vânia Lucia B. **Um olhar sobre o autismo e sua especificação.** In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO–EDUCERE. 2009. p. 6084-6096.

NOBRE, João Paulo dos Santos. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e educação musical: três estudos no Programa Cordas da Amazônia.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

RODRIGUES, Társilla Castro. **Ensino Coletivo de Cordas Friccionadas:** uma análise da Proposta Metodológica de Ensino Coletivo de Violino e Viola do Programa Cordas da Amazônia. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências da Arte – ICA - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

SOUSA, Antonia Patrícia Fortaleza de. Acessibilidade de crianças autistas em ambientes educacionais: um estudo bibliográfico sobre a inclusão de crianças autistas no ensino básico. **Revista Fundamentos**, v. 2, n. 2, 2016.

¹ Técnica que dispensa o uso do arco. Os dedos ficam em forma de “pinça” e as cordas são beliscadas.